

2

NOVO FOLHETO

CONTENDO 5 LINDAS POESIAS



Horroroso crime praticado na Vila de Sabugal, por um malvado pae que matou á machada sua mulher e 2 filhos.

Uma poesia dedicada a um velho tolo que pretendia casar com a Virgínia.

Um lindo fado de uma moça nova e bela a quem a fatalidade a levou á meretriz.



Poesia dedicada a uma infeliz que morre na desgraça.

A COLEÇÃO CUSTA 1 escudo

FADO DE NAMORO

Um velho tolo que pretendia casar
com uma moça boa e nova.

Olha cá ó Virgininha
Não gostas do teu visinho
Tenho pensado há dias
É triste viver sózinho
Se fosse da tua vontade
Fazia-mos um arranjinho

Diga o que quer Senhor Paulo
Talvez se queira casar
Um homem da sua idade
Já pouco pode arranjar
Porém diga as condições
As coisas façam falar

Estou cheio de viver só
Tenho bastante de meu
Há dias vi-te passar
Logo a esperança me nasceu
Se aceitares o meu partido
Podes chamar a todo teu

Ao partido não é mau
Para a mulher ambiciosa
Não me ilude a riqueza
Sou pobre mas caprichosa
Com um homem moço e bonito
A pobreza também goza

Desprezas um homem rico
Por um qualquer de que nada
Queres trabalhar toda a vida
Sem tirar resultado
Pensa o que fazes a tempo
Antes de um passo mal dado

De que serve um homem rico
Velho cançado e encolhido
A mulher meiga-o e afaga-o
Topa-o sempre encolhido
Por mais calores que lhe faça
Nunca o acha resolvido

Tenho calor tenho força
Ainda a brincar me apetece
Não me chamavas encolhido
Se eu na cama te tivesse
Havias de ver o velhote
Se ele agarrar-te pudesse

Vá tratar do seu seu bem d'alma
Não pense em gado de saia
O velho quer moça nova
Ainda quer passar por faia
Vai logo ser debruado
Com a crôa dos bois da Maia

Não esperava essa resposta
Na boca duma petiza
O' que malícia tu guardas
Debaixo dessa camisa
Julguei-te moça inocente
Já tens a escola precisa

É preciso sêr assim
Vendo-se um velho gaitero
Nem todas as moças novas
Vão na rede por dinheiro
Se eu quizer um traste uzado
Vou compra-lo a uma adeleira

Quem viu as peças d'agora
Não despreza o traste uzado
É pau de boa madeira
Em boa lua cortado
Presta-se para todo o serviço
Está sempre desempenado

Já que ninguém gava o velho
Trata ele em se gavar
Até encorcuva nas costas
Tem a barba a desmaiar
Não houve cantar o cuco
Se o inverno apertar

Tu dizes que eu que não posso
Eu heide-te dar uma prova
Se arranjar mulher para o inverno
Ainda faço gente nova
Tu hasdes morrer primeiro
E eu heide-te mijar na cova

O velho mostra coragem
Quem sendo tola que o queira
Para não mostrar parte de fraco
Está sempre pronto para a asneira
Se a viagem fôr comprida
Fica no meio da ladeira

Quem sabe como trabalha
Basta-lhe só um geitinho
Para viagens amorosas
Cá está ele, cá está o velhinho
Vai a Cacilhas trez vezes
Sem descançar no caminho

Vá-se embora com os diabos
Deixe-me cá no meu sócego
Pódê lá falar de longe
Cão que ladra não põe medo
Hei-de arranjar uma quinta
E heide-o pôr no emprego

Emprega-me ó Virgininha
Que eu hei de ser teu amigo
Não compres quinta nenhuma
E fia te no que eu te digo
Antes me faças feitor
Da quinta que tens contigo

Não tenho desgosto nela
Para meter tal empregado
Fructo da minha quinta
Quero mais bem cultivado
Dêus não mo deu por castigo
Um feitor tão arrebetado

FIM

MOTE

Mais um crime horroroso
Na vila de Sabugal
Mata dois filhos e mulher
Causador de tanto mal

Entrou em casa num momento
Com modos obscuros,
Eu procuro mil escudos
Que eu tinha aqui dentro.
Logo no mesmo momento
Com seu modo orgulhoso,
Num momento desditoso,
Chama a mulher também
Mata dois filhos e a mãe
Mais um crime horroroso.

Os dois filhos começaram gritando
Quando para a mãe se aproximou
Com uma machada descarregou
E os filhinhos ia matando
Que estavam descançando
Num descanço diuinal.
Não esperavam pelo mal
De seu pai tão malvado.
Este crime é julgado
Na vila de Sabugal.

Feriu outro filho também
Tudo quanto ali entrasse
E quanto ali passasse
E a pobre mulher também.
Os golpes que ela tem
A autoridade defere
Um dia se ela tiver
Conforto em seus estudos,
Por falta de mil escudos
Mata dois filhos e mulher.

Não se lembrá do que fez
Matar os seus filhinhos
Ainda depois coitadinhos
Os calçou a seus pés
Sofrendo a morte revés,
Não se consta igual
Se adivinhassem o mal
Seguiam os seus destinos
Já não matava os filhinhos
Causando tanto mal.

MOTE

E' triste o quadro da fome
E' bem triste o ver chorar
E' bem triste o ver sofrer
Mais triste o ver penar

Numa cabana vivendo
Está uma mulher penando
De frio e de fome passando
Todo o mal vai padecendo
Ali se vai esquecendo
De que a sua vida a consome
A sua vida se some
Da linda face a beleza
P'ra quem vive com grandeza
E' triste o quadro da fome

Tu é que foste a culpada
Assim ficaras sem abrigo
Abandonares teu marido
Por quem eras estimada
Hoje em lagrimas banhada
Não fazes senão lastimar
Somente por desprezares
Quem te tinha tanto amor
Hoje fome pranto e dôr
E' bem triste o ver chorar

Para que foi que o desprezaste
O teu verdadeiro marido
Por ele ser tão teu amigo
Mais tarde o atraioaste
Tudo isto praticaste
Por isso estás a padecer
Não te vale o arrepender
Esse teu padecimento
Com falta de alimento
E' bem triste o ver sofrer

A morte e felicidade
Que Deus dá á creatura
Mais vale a sepultura
Do que morrer sem caridade
Morreste sem piedade
A morte te veio buscar
Para neste mundo não andar
Um corpo que não reziste
O morrer é um quadro triste
Mais triste é ver penar

MOTE

Pela lingua estou pagando
Quem me dera já morrer
Estendo a mão á caridade
Ninguem me quer socorrer

Emquanto fui virtuosa
Pela minha mão fui beijada
Hoje sou uma desgraçada
Segui a vida espinhosa
Depois que me tornei vaidosa
Minha honra foi abandonada
A desgraça fui abraçando
Hoje com vergonha o digo
reconheço o que é castigo
Pela lingua estou pagando

Num certo tempo passado
Passei por uma mulher meretriz
Que em tempo censura lhe fiz
E o rosto lhe virei
Ao mesmo tempo não pensei
O que me poderia acontecer
E' tão triste o meu sofrer
Sou uma meretriz de tormento
P'ra acabar com o meu sofrimento
Quem me dera já morrer

A uma porta assentada
Uma esmola vou implorando
Os homens que vão passando
Reparam e dizem coitadinha
Conheci-te bem trajada
No tempo da virgindade
Pelas ruas da cidade
Falado era o meu nome
Para não morrer de fome
Estendo a mão á caridade

Eu tres vezes desprezei
Mulher que conselhos me dou
Desde já me aborreceu
Tais conselhos para bem meu
Triste remedio não tenho
Mais me valia não nascer
Do que neste mundo eu perder
O direito da mulher
Sem honra ninguem me quer
Ninguem me quer socorrer